

ANTOLOGIA POÉTICA
Desnuda y aguda la Dulzura de la vida
Sophia de Mello Breyner Andresen

A professora e poetisa Diana Bellessi, de Buenos Aires, nos surpreende belamente com a seleção e tradução de poemas da premiada e vigorosa poetisa. Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto (Portugal) em 1919, estudou Filologia na Universidade Clássica de Lisboa. Presidiu por duas legislaturas a Associação de Escritores. Antes de 25 de abril participou da Comissão de ajuda aos presos políticos. Em 1975 foi eleita deputada à Assembleia Constituinte. Publicou numerosos livros de poemas, reunidos em três volumes sob o título **OBRA POÉTICA**, editorial Caminho, 1990. Foi distinguida com o Prêmio **POESIA** pelo PEN Club. Em 1994 recebeu o prêmio **VIDA LITERÁRIA** pela Associação de Escritores. Escreveu também ensaios, contos e livros infantis. Traduziu para o Português obras de Paul Claudel, Dante, Shakespeare. Algumas de suas obras foram traduzidas e publicadas na Itália, França, Estados Unidos, Inglaterra, Croácia e Espanha. Recebeu outros prêmios: Petrarca (Itália), Camões (Portugal e Brasil) e Max Jacob (2001 França).

Para Sophia de Mello há três princípios básicos: a luta contra a degradação da palavra; a luta contra os eslógãos e a luta contra a promoção dos mediocres. Segundo ela "o poema não fala de uma vida ideal mas de uma vida concreta" e qualquer poeta "é artesão de uma linguagem que lhe exige obstinado rigor".

Diana Bellessi escreve: "Encontrei Sophia de Mello Breyner na estante de uma livraria de Lisboa, era a OBRA POÉTICA, do Editorial Caminho. Aí estava tudo o que eu procurava..."

DESNUDA Y AGUDA LA DULZURA DE LA VIDA parece ser o resumo de todo o mundo poético de Sophia. Concluo esta breve menção com o poema:

Biografia

*Tive amigos que morriam, amigos que partiam
 Outros quebravam o seu rosto contra o tempo.
 Odiei o que era fácil
 Procurei-me na luz, no mar, no vento.*

Ir. Elvo Clemente

Hierarquias de restrições e estratégias de reparo: aquisição do onset complexo

Letícia Ribas
 Giovana Bonilha
 Regina Lamprecht*

Resumo – Ribas (2002) evidencia que na aquisição do onset complexo do português brasileiro (PB) há o uso de nove estratégias de reparo, sendo a única produtiva a realização de sílaba CV com a não produção da líquida. As outras estratégias aplicadas não são utilizadas por todos os sujeitos, evidenciando o modo diferenciado que as crianças podem lidar com uma estrutura silábica complexa. Sob o enfoque da Teoria da Otimidade, a aplicação de tais estratégias pode ser explicitada pela constituição de diferentes hierarquias de restrições. O presente trabalho procura mostrar as hierarquias que caracterizam as estratégias de reparo aplicadas na aquisição do onset complexo do PB. **Palavras-chave** – Teoria da Otimidade. Aquisição fonológica. Onset complexo.

Introdução

Na aquisição do componente fonológico da língua há um fato, fundamental e incontornável: entre as idades de 1 ano e de 5 anos a criança vai de um estado zero ao estado final. Como a criança faz isso? Qual é o percurso percorrido, e como podemos explicar a caminhada da criança?

Pesquisas interlingüísticas têm mostrado que o balbucio apresenta, ao lado de características universais, outras que podem ser reconhecidas como características da língua específica

* Letícia Ribas, FEEVALE/PUCRS, leticia.ribas@terra.com.br
 Giovana Bonilha, UCPEL/PUCRS, gfgb@terra.com.br
 Regina Lamprecht, PUCRS, relamprecht@pucrs.com.br

(Boysson-Bardies, Vihman, et al., 1992). Em torno dos 8 meses de idade o bebê já produz segmentos e sílabas V e CV; porém, mesmo evidenciando alguns aspectos da língua ambiente, esses segmentos e sílabas não estão organizados, não apresentam contraste, por isso não constituem sequer os rudimentos de um sistema fonológico.

Já a criança de 6 anos (essa idade é bastante conservadora, poderíamos falar em 5 anos, até em 4 e meio) domina o sistema fonológico da sua língua, tanto no nível segmental quanto no prosódico.

As pesquisas sobre a trajetória do estado zero até o estado final são realizadas em dois níveis, com dois propósitos distintos que são complementares. Temos o nível descritivo, essencial para sabermos o que acontece e em que idades, ou seja, para fornecer padrões de aquisição. Interligado a esse nível descritivo e nele baseado temos o nível explanatório, em que os pesquisadores procuram o como e o porquê dos fatos apontados pelas descrições. Ambos os níveis são essenciais: sem as descrições não temos material para procurar explicações; e sem as explicações as descrições ficam restritas a afirmações, não menos interessantes e válidas, porém mais distantes da procura (constante) pelo conhecimento do ser humano.

Os estudos sobre a aquisição fonológica do Português Brasileiro foram realizados, ao longo de 20 anos, sob diversos enfoques teóricos. Começamos sob a ótica da Fonologia Natural. Depois trabalhamos com traços distintivos, passando pela Gerativa de Chomsky & Halle até a Autosegmental, valendo-nos, e muito, da Geometria de Traços proposta por Clements. Atualmente, o instrumental teórico de que estamos lançando mão é a Teoria da Otimidade.

Mas que diferença faz focar a trajetória da aquisição fonológica pelas lentes de uma ou de outra teoria? Contrastando a primeira das teorias adotadas nas nossas pesquisas com a mais recente, qual é a vantagem de analisar os dados pela Teoria da Otimidade em relação a fazê-lo pela Fonologia Natural?

Para a Fonologia Natural há um conflito entre o *falante/produtor* e o *ouvinte/receptor*. O falante, no nosso caso, é a *criança pequena*, que tem dificuldades na produção por imaturidades articulatórias, ou de programação, ou de memória fonológica, ou de processamento. Para atender a essas dificuldades, para ficar dentro da realidade das limitações inerentes ao seu momento de desenvolvimento, a criança simplifica suas produções num mo-

vimento natural de adaptação do *output* às suas capacidades. Isso significa simplificar estruturas silábicas, valer-se de um inventário fonético e fonológico incompleto, reduzir movimentos articulatorios através de assimilações, que tornam os segmentos mais parecidos. Para o *ouvinte*, por outro lado, vale o oposto: para ele é essencial a maior diferença, a maior variedade possível de sílabas e de segmentos para que haja distintividade, que equivale à inteligibilidade.

Como a criança resolve esse conflito, na perspectiva da Fonologia Natural? Ao dar-se conta da inadequação de um processo fonológico natural para a sua língua específica – como é o caso, por exemplo, da inadequação da Redução de Encontro Consonantal para o Português Brasileiro –, a criança deixa esse processo, supera-o, e reorganiza seu sistema para adequá-lo ao sistema-alvo e – seguindo com o nosso exemplo – produzir os encontros consonantais licenciados na língua. A Fonologia Natural é um bom instrumento de descrição dos fatos fonológicos, via rótulos como Apagamento de Fricativa Final, Substituição de Líquida; por isso é adequado e é suficiente para o uso na terapia fonoaudiológica, por exemplo.

A Teoria da Otimidade lida com o mesmo conflito, causado por forças opostas a serviço de necessidades contrárias. A grande diferença é que com a Teoria da Otimidade passamos do nível descritivo para o nível explanatório. A teoria deixa de ser um instrumento de descrição que fornece rótulos adequados e passa a ser um instrumento de análise, de compreensão do processo. Bernhardt e Stemberger (1998) propõem, como imagem, que a Teoria da Otimidade “desempacota” os processos, permite visualizar o que há “dentro” de um processo fonológico. O que existe “dentro” de um processo é o movimento de reordenamento de restrições em direção à adequação ao sistema da língua-alvo.

É justamente na aquisição da linguagem que se pode ver esse movimento de reordenações acontecendo. Portanto, conclui-se que a Teoria da Otimidade permite dois níveis do “olhar para dentro”: um é o já mencionado olhar para o interior de um processo; outro, mais amplo, é o olhar para o interior da construção da gramática pela criança.

É com base nesse modelo teórico que o presente trabalho propõe-se a analisar a aplicação de estratégias de reparo na aquisição do onset complexo do Português Brasileiro, utilizando os dados de Ribas (2002).

Metodologia e descrição de dados

A partir da pesquisa de Ribas (op. cit.), cujo tema central é a descrição e análise da aquisição do *onset* complexo por 134 crianças falantes monolíngües do português brasileiro entre as idades de 1:0 a 5:3, extraiu-se os dados relacionados ao tipo de produção do alvo com a sílaba CCV.

O total de dados que constitui a referida pesquisa é de 2.682 tokens, contendo grupos de *onset* complexo com a líquida lateral – ‘flor’ – e com a líquida não-lateral – ‘prego’.

Durante o percurso da aquisição do *onset* complexo, a criança não consegue realizar o alvo com esta sílaba, produzindo uma palavra diferente daquela do modelo adulto. Essa forma diversa pode ser observada não apenas em um tipo de produção, mas em vários tipos.

Apesar dessa variabilidade, Ribas (op. cit.) refere que as crianças frente a impossibilidade de produção correta, produzem em 90,09% dos casos uma sílaba CV mantendo a primeira consoante – prato → [patu]). Os outros 9,91% são compostos de distintas estratégias de reparo. Todas as estratégias de reparo estão ilustradas no quadro, em que é possível observar as faixas etárias e o número de dados da aplicação dessas estratégias.

Estratégias	Fase 0	Fase I	Fase II	Fase III	Exemplos
	1:0 a 1:11	2:0 a 3:0	3:2 a 4:0	4:2 a 5:3	
Produção C'V	*	*	*	*	'frio' → [f'iw]
Substituição de líquida	-	26	10	15	'estrada' → [it'lada]
Metátese	-	7	9	8	'cobra' → [k'orba]
Substituição de obstruinte	-	11	-	1	'outro' → [ot'fu]
Epêntese	-	3	3	3	'branco' → [bar'anku]
Semivocalização	-	3	-	1	'prego' → [pyegu]
Apagamento da sílaba CCV	3	2	-	-	'travesseiro' → [viseru]
Coalescência	3	1	-	-	'blusa' → [duza]
Assimilação (traço da obstruinte seguinte)	10	-	2	-	'estragou' → [isgagow]
Assimilação da coda nasal	3	-	-	-	'brincar' → [minka]
Metátese das plosivas (recíproca)	1	-	-	-	'dragão' → [gad'aw]
Produção C'V	1	-	-	-	'bicicleta' → [b'ileta]
Produção V	2	-	-	-	'procurar' → [okurya]

As estratégias de reparo que constituem 9,91% de produção do *corpus* de Ribas (2002) são recursos menos frequentes e mais utilizados pelas crianças nas duas primeiras fases. Apesar da baixa ocorrência, essas estratégias de reparo possibilitam a averiguação de evidências sobre a construção da gramática e do ‘movimento’ que a criança parece fazer no sentido de tentar produzir a forma alvo.

O enfoque deste trabalho é a análise das estratégias de reparo que atuam no nível da sílaba, ou seja, a produção C'V, a metátese e a epêntese. Não analisaremos as estratégias que modificam o traço de algum dos segmentos do *onset* complexo.

A produção C'V foi observada durante todo o percurso da aquisição. A epêntese aparece nos dados a partir de 2:0, estendendo-se ao longo do desenvolvimento. A metátese apresenta a mesma característica da epêntese, pois surge aos 2:0 e é aplicada até a última faixa etária, mas a movimentação difere entre os períodos, já que até a idade de 3:6 a sílaba resultante é CVC – ‘cobra’ → [k'orba] – e após essa idade a sílaba resultante é outra sílaba CCV – ‘pedra’ → [peda]).

Um aspecto interessante, relatado na pesquisa de Ribas (2002), é que as estratégias de metátese e epêntese são observadas com mais frequência em palavras cuja primeira consoante é [coronal], constituindo, no *onset* complexo, uma seqüência de segmentos com o mesmo traço.

Análise dos dados

Conforme já referido no presente trabalho, a estratégia de reparo CCV → CV é a mais aplicada pelos sujeitos, com um percentual de 90,09%. Observem-se os exemplos em (1):

- (1) bruxa [ˈbuʃa]
placa [paka]
pedra [peda]
livro [livu]

Com a hierarquia proposta em (2), a criança realiza uma estrutura CCV como CV, pois *Complex Onset está ranqueada acima das restrições de fidelidade.

- (2) H0¹ = *Complex Onset >> Max >> Onset

¹ Utilizamos H0¹ para que essa hierarquia não seja confundida com a H0 inicial proposta por Smolensky (1996), pois nessa todas as estruturas marcadas são proibidas, inclusive sílabas V e CVV já adquiridas quando a criança começa a produzir palavras que apresentam o alvo CCV.

Observe-se o *tableau* em (3):

(3)	/bloko/	*Complex Onset	Max I/O	Onset
	bloku	*		
	◀ boku		*	
	oku		**	*

Conforme é evidenciado em (3), nesse estágio de aquisição, para um alvo como /bloko/, o candidato escolhido é aquele que apresenta uma estrutura CV, violando a restrição Max que está ranqueada abaixo de *Complex Onset na hierarquia do aprendiz.

É pertinente referir que o terceiro candidato, conforme Costa & Freitas (1998), também poderia ser escolhido como forma ótima, pois as crianças portuguesas costumam aplicar as estratégias CCV → CV e CCV → V. Tal afirmação não pode, no entanto, ser feita com relação ao português brasileiro, pois, conforme Ribas (2002), a estratégia CCV → V ocorreu em apenas 2 casos, em 2.612 dados. O ranqueamento proposto em (2) é também capaz de explicitar por que estratégia CCV → V não é aplicada nos dados do português, pois, conforme é evidenciado no *tableau*, essa estratégia implicaria uma violação dupla da restrição de fidelidade Max I/O.

As restrições apresentadas em (2), no entanto, não são capazes de explicitar por que a primeira consoante é preservada em detrimento da segunda, ou seja, por que o candidato ótimo escolhido é [boku] e não [loku].

Ribas (2002) propõe que a diferença entre os dois candidatos é explicada pelo Princípio de Seqüência de Sonoridade (Clements, 1990), segundo o qual a sílaba ótima tem um maior distanciamento de sonoridade entre o onset e o núcleo. Em um estágio que a criança ainda não pode realizar uma estrutura silábica com Onset Complexo, esse distanciamento só é obtido mediante a preservação da 1ª consoante [-soante], em detrimento da 2ª que, no português brasileiro, será sempre um segmento [+soante].

Se não fosse considerada a militância de restrições relativas à escala sonora, não seria possível explicar a escolha da primeira consoante, tendo por base a restrição I-Contigüidade, a qual é violada toda vez que uma seqüência de segmentos dentro do *input* é "quebrada" no *output*. Observe-se o *tableau* em (4):

(4)	/bloko/	*Complex Onset	Max I/O	Contigüidade ²	Onset
	bloku	*			
	boku		*	*	
	◀ loku		*		
	oku		**		*

Conforme (4), o segundo candidato – forma predominantemente produzida pelos aprendizes nesse estágio de aquisição –, em que a primeira consoante é preservada na produção, é descartado por violar as duas restrições de fidelidade Max I/O e I-Contigüidade. O terceiro candidato, portanto, é que iria emergir como forma ótima.

Considerando que o output [loku] – com a preservação da consoante [+soante] – não é atestado nos dados analisados, a hierarquia em (4) é incapaz de evidenciar a aplicação da estratégia CCV → CV, com a preservação da primeira consoante que constitui o onset complexo.

Conforme já referido anteriormente, além da estratégia CCV → CV, a criança também utiliza outras estratégias, como CCV → CVC – na qual produz uma metátese – e CCV → CVCV – produção de epêntese. Observem-se os exemplos em (5).

- (5) cobra [korba]
 tigre [tʃirgi]
 flor [fulor]
 criancinha [kiliã³sija]

O ranqueamento proposto em (6) é capaz de atestar a possibilidade de diferentes estratégias serem aplicadas para uma mesma forma alvo:

(6)	/fruta/	*Complex Onset	Max I/O	Dep	Linearidade	NoCoda
	fruta	*				
	◀ furta				*	*
	futra	*			*	
	◀ futa		*			
	◀ furuta			*		

² Salienta-se que alguns autores, como Bernhard e Stemberger (1998), questionam a validade das restrições Contigüidade e Linearidade, no entanto, no presente trabalho, utilizam-se as restrições de fidelidade conforme propostas por McCarthy e Prince (1995).

Conforme o *tableau* em (6), os candidatos [furta], [futa] e [futura] podem emergir como *outputs* ótimos por violarem as restrições de fidelidade que estão compartilhando estrato. Os candidatos [fruta] e [futra] seriam eliminados por violarem a restrição *Complex Onset que está ranqueada acima na hierarquia.

Com relação à aplicação da estratégia CCV → CVC, deve-se observar que essa modalidade de metátese foi aplicada até a idade de 3:6, ou seja, o aprendiz, impossibilitado de realizar uma estrutura silábica mais complexa – CCV –, conforme Lamprecht (2002), prefere preservar os segmentos do *input* a apagá-los, pois a hierarquia apresentada nesse estágio de aquisição já permite a preservação dos segmentos porque NoCoda foi demovida abaixo das restrições de fidelidade.

Observe-se, de acordo com o *tableau* em (6), que NoCoda não está demovida apenas abaixo de Max I/O porque isso impossibilitaria que a criança ainda aplicasse a estratégia de reparo CCV → CV e, efetivamente, é essa estratégia, independente da idade, a mais aplicada pelos sujeitos.

É pertinente referir aqui que, nos dados analisados, foram encontradas produções de um mesmo sujeito, em uma mesma coleta – fruta → [furta], tigre → [firige] e vidro → [vidru] –, que apresentam a aplicação de uma ou mais estratégias de reparo ao mesmo tempo, mas que também reflete a produção “correta”, ou seja, com a realização do *onset* complexo. Tal ocorrência pode ser explicitada porque entende-se, no presente trabalho, que, nesse estágio de aquisição, *Complex Onset já começou a ser gradualmente demovida na hierarquia do aprendiz, mas ainda não ocupa uma posição abaixo das restrições de fidelidade a ponto de possibilitar predominantemente a produção da estrutura de *onset* complexo.

Um outro tipo de metátese também foi atestado, em que há a troca de posição, na palavra, da estrutura silábica CCV. Essa estratégia foi aplicada por sujeitos com idade acima de 3:6, ou seja, nesse estágio de aquisição, a criança, além de procurar preservar o segmento, procura realizar a estrutura silábica de acordo com a forma alvo. Observe-se o *tableau* em (7).

(7)

/pedra/	Max	Dep	Linearidade	NoCoda	*Complex Onset
perda			*	*	
pedra			*		*

A emergência do segundo candidato em (7) só pode ser considerada se for assumida aqui a proposta de Bonilha e Matzenauer (2002) para a leitura dos estratos que compartilham restrições, ou seja, o segundo candidato é escolhido como forma ótima, pois, apesar de incorrer o mesmo número de violações para Linearidade, viola *Complex Onset que estaria “potencialmente” ranqueada abaixo de NoCoda, violada pelo primeiro candidato.

No entanto, essa hierarquia ainda não dá conta da preferência da aplicação da estratégia de reparo CCV → CCV (com metátese) em detrimento de uma produção de acordo com a forma alvo, como é evidenciado em (8).

(8)

/pedra/	Max	Dep	Linearidade	NoCoda	*Complex Onset
pedra					*
perda			*	*	
preda			*		*

Em (8), apenas o primeiro candidato poderia ser escolhido como *output* ideal, pois não viola nenhuma das restrições de fidelidade ranqueadas acima de *Complex Onset.

Os dados analisados evidenciam que 77,7% da aplicação desse tipo de metátese ocorre em direção à sílaba acentuada da palavra, o que confirma os resultados encontrados em Lamprecht (1990, 2002). Observem-se os exemplos em (9).

- (9) dentro [drentu]
 tigre [trigi]
 pedra [preda]
 vidro [vridu]

De acordo com Matzenauer-Hernandorena (2001), durante o processo de aquisição, a criança procura preservar não apenas os segmentos que constituem uma sílaba acentuada, mas aqueles que fazem parte de um dos constituintes do pé troqueu. Os dados considerados na presente pesquisa, no entanto, parecem indicar que a militância dos constituintes do pé métrico não é fundamental na aplicação desse tipo de metátese, pois todas as palavras em que tal processo ocorreu apresentam o pé troqueu canônico e, se o domínio de preservação da estrutura silábica fosse o pé métrico, não haveria razão para a troca de posição do *onset* complexo na palavra. A análise proposta por Matzenauer-Hernandorena (op. cit.), de acordo com os dados analisados, não parece estender-se para a aquisição de uma estrutura silábica complexa.

Cabe salientar ainda, com relação às estratégias de reparo aqui analisadas CCV → CV, CCV → CVC, CCV → CV.CV e CCV → CCV, que os onsets complexos constituídos por uma seqüência coronal-coronal parecem tornar a produção dessa estrutura silábica ainda mais difícil.

Conforme os dados de Fernando (2:06), a estratégia de reparo CCV → CV é aplicada em 58% das possibilidades, no entanto, se observarmos somente os encontros coronal-coronal, vemos que a incidência dessa estratégia sobe para 80%. Na mesma direção, os dados de Guilherme (3:03), em que a aplicação da estratégia de reparo CCV → CV foi aplicada em 23,5% das possibilidades de ocorrência, mas, ao observarmos a seqüência coronal-coronal, o percentual de aplicação eleva-se para 50%.

Nas outras estratégias de reparo examinadas no presente trabalho – metáteses e epênteses –, constata-se que, respectivamente, 44% e 42% referem-se à seqüência coronal-coronal.

A dificuldade na produção dessa seqüência também é salientada através dos dados de João Vitor (2:6) que produz onsets complexos constituídos apenas da seqüência labial-coronal. Observe-se (10):

- (10) Pluto [plutu]
 blusa [bluza]
 floresta [floresta]
 público [plubliku]

Bonilha (2000), em um estudo sobre a aquisição dos ditongos decrescentes do Português, utiliza a restrição de marcação NotTwice (coronal) – dois elementos não podem ocorrer em uma seqüência se eles são idênticos – para explicitar a aquisição tardia do ditongo [ej], pois, até a idade de 2:06, os sujeitos analisados não tinham produzido tal estrutura de forma satisfatória.³ Observe-se que a estrutura silábica analisada no presente trabalho também é uma estrutura complexa, estando submetida ao mesmo tipo de restrição que milita na aquisição dos ditongos – estrutura silábica de núcleo complexo.

Nos *tableaux* (11) e (12), é possível visualizar a escolha dos *outputs* de João Vitor, devido à militância das restrições NotTwice (coronal) e NoSequence (labial...coronal).

(11)

/bluza/	NotTwice (coronal)	Max I/O	*Complex Onset	NoSequence (labial...coronal)
→ bluza			*	*
buzza		*1		

(12)

/vidru/	NotTwice (coronal)	Max	*Complex Onset	NoSequence (labial...coronal)
vidru	*1		*	
→ vidu		*		

Conforme o *tableau* em (11), nesse estágio de aquisição, as restrições *ComplexOnset e NoSequence (labial...coronal) já foram demovidas abaixo das restrições de fidelidade, possibilitando a emergência de uma sílaba CCV. O alto ranqueamento da restrição NotTwice (coronal), no entanto, proíbe a escolha do *output* [vidru] – *tableau* (12) – como forma ótima, sendo o segundo candidato escolhido como *output* ideal.

Poder-se-ia questionar a pertinência da militância de NoSequence (labial...coronal), pois o que importa em (11) é que *Complex Onset já foi demovida abaixo das restrições de fidelidade. No entanto, o fato de a criança produzir apenas a seqüência labial-coronal indica que outras restrições de seqüências de segmento estão ranqueadas acima na hierarquia do aprendiz, sendo que somente NoSequence (labial...coronal) foi demovida.

Conclusão

O presente trabalho mostrou, a partir do corpus de Ribas (2002), fatos interessantes que ocorrem na fala das crianças, evidenciando que a análise via Teoria da Otimidade é extremamente elucidativa. Retomando a imagem trazida no início, a possibilidade de “olhar para dentro”, de visualizar os reordenamentos de restrições pela criança, com a gradual preponderância das restrições que garantem a fidelidade ao sistema-alvo, amplia nossa compreensão da gramática da língua específica.

³ 80% de produção em pelos menos duas faixas etárias consecutivas.

Referências

- BERNHARDT, Barbara; STEMBERGER, Joseph Paul. *Handbook of Phonological Development from the Perspective of Constraint - Based Nonlinear Phonology*. San Diego: Academic Press, 1998.
- BONILHA, Giovana F. G.; MATZENAUER, Carmen L. B. *Teoria da Otimidade e construção de hierarquias*. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA; I CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, out. 2002, Minas Gerais, UFMG.
- BOYSSON-BARDIES, B. de; VIHMAN, M.; ROUG-HELLICHIUS, L.; DURAND, C.; LANBERG, I.; ARAO, F. Material evidence of infant selection from target language: a cross-linguistic study. In: FERGUSON, C. A.; MENN, L.; STÖEL-GAMMON, C. (eds.). *Phonological Development: models, research, implications*. Timonium, MD: York Press.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, Nick. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. (eds.). *Papers in laboratory phonology I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- COSTA, João; FREITAS, Maria João. *V and CV as unmarked syllables: evidence from the acquisition of Portuguese*. Presented at the Conference The syllable Typology and Theory. Tuebingen, 1998.
- LAMPRECHT, Regina R. Metathesis in phonological acquisition: a window to constraint ranking in the child's system. In: COSTA, João, FREITAS, Maria. (eds.). *Proceedings of the GALA'2001 Conference on Language Acquisition*. Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2002.
- . *Perfil da aquisição normal da fonologia do português. Descrição longitudinal de 12 crianças: 2;9 a 5;5*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia B. A aquisição de segmentos do português e o pé métrico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 3-11, 2001.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, Alan. Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology. In: KAGER & ZONNEVELD (org.). *The Prosody Morphology Interface*. Cambridge University Press, 1995.
- RIBAS, Letícia Pacheco. *Aquisição do Onset Complexo no Português Brasileiro*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras). PUCRS, Porto Alegre.
- SMOLENSKY, Paul. *The Initial State and 'Richness of the Base' in Optimality Theory*. ROA -154, 1996. <<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>>